

Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder

Florianópolis, de 25 a 28 de agosto de 2008

Sobre astrônomas alemãs e odontólogas no Brasil Central ¹

Ana Liési Thurler; Lourdes Bandeira² (UnB)

ST 38 - Ciência, tecnologia e poder: conhecimento e práticas de gênero

Em 1903, Marie Curie recebeu o Prêmio Nobel em Física e em 1910 e tornou-se a primeira pessoa a conquistar um segundo prêmio Nobel, então em química. Mesmo assim, seu ingresso à Academia de Ciências de Paris foi interdito. Ela foi derrotada por uma margem de dois votos, mas a petição contra sua eleição para a Academia tornou visível a secular resistência masculina à inclusão das mulheres no mundo da ciência. Curie foi antecedida por outras mulheres, em vetos para integrar essas Academias.³

A questão foi levada à votação: as mulheres deveriam ser admitidas nas grandes Academias francesas? Na sociedade da *Igualdade, Fraternidade, Liberdade* a negativa foi definida com um resultado de 90 votos contra a admissão de mulheres por 52 votos a favor. Os votantes consideraram “eminente sábio respeitar a tradição imutável, contra a eleição de mulheres [para as Academias]” (Schiebinger, 2004:26). Assim, ainda no século XX fenômenos emblemáticos revelam obstáculos colocados às mulheres, por uma ordem social, cultural e simbólica sexista.⁴

Eventualmente mulheres tiveram oportunidade de cultivar o conhecimento, em mosteiros e conventos.⁵ Entre os séculos XII e XV, as universidades preparavam para carreiras no governo, no ensino, no Direito, na medicina, na Igreja, áreas que se mantinham fechadas às mulheres. Na Europa, a Itália seria uma exceção, com algumas mulheres se dedicando ao ensino e à pesquisa, incentivadas por pais e professores. Na Universidade de Bolonha, ao final do século XIII, Bettisia Gozzadini (1209-1261) ministrou aulas no curso de Direito e, no século XIV, Novella d'Andrea assumiu a cátedra de Direito Canônico, no lugar de seu pai, Giovanni d'Andrea, após o falecimento dele. No século XVII, Elena Cornaro Piscopia (1646-1684) foi a primeira mulher a obter um doutorado em filosofia. No século XVIII, Maria Agnesi (1718-1799) aceitou a cátedra de matemática e filosofia natural nessa Universidade⁶ e Laura Bassi (1711-1778) foi a primeira mulher a assumir uma cátedra de física em uma Universidade.⁷

Ora, direis, ouvir estrelas

Evocamos o caso da astronomia nascida na passagem do século XVI para o século XVII, com o cônego Nicolau Copérnico (1473-1543), o *filósofo do céu*, considerado o pai da astronomia

moderna, subvertendo a ordem cósmica aristotélica. Em 1609, Galileu (1564-1642) teria, pela primeira vez, voltado seu telescópio para o céu. A organização artesanal da astronomia facilitou a participação das mulheres, trabalhando em laboratórios familiares, na Alemanha, entre 1650 e 1710.

Dúvidas foram lançadas sobre trabalhos da mais renomada das astrônomas alemãs, Maria Winkelmann (1670-1762). Casada com Gottfrid Kirch, um dos mais importantes astrônomos alemães, ela descobriu um cometa em 1702. O marido precisou redigir um depoimento declarando que Maria Winkelmann descobrira o cometa enquanto ele dormia, pois o descobrimento foi atribuído a ele por muitos historiadores da ciência e o informe levava o nome dele. A representação social de que não há mulheres verdadeiramente criadoras tem sido colocado em cheque por genealogias produzidas por mulheres, contrapondo-se à história oficial da ciência e do pensamento, que ainda as mantém no ostracismo⁸ (Pizan, 1999; De la Cruz, 1994).

Maria Cunitz⁹ (1610-1664), pretendendo simplificar os cálculos de Kepler para mensurar a posição dos planetas (Tábuas Rodolfinas), publicou “Urania propitia”, em 1650. Muitos também colocaram sob suspeita seu trabalho, atribuindo-o a seu marido — doutor em medicina e diletante em astronomia. A tal ponto as dúvidas se disseminaram que Eliae von Lowen, o marido, decidiu escrever um prefácio declarando não ter tido qualquer participação no trabalho de Maria. Também ela redigiu prefácio argumentando que sua astronomia era confiável, “*ainda que produzida por uma pessoa do sexo feminino.*”¹⁰ Quarenta anos após sua morte, Johann Eberti, ainda invocando papéis sexuais estabelecidos e os deveres das mulheres em cumpri-los, escreveu em 1706: “[Maria] Estava tão profundamente dedicada à especulação astronômica que descuidou de seu lar. Passava a maior parte das horas do dia na cama, porque estava cansada de contemplar as estrelas durante a noite”.¹¹

Com uma herança secular, no século XXI, mulheres profissionais da odontologia no Brasil Central dispensam representante de Johann Eberti para lembrá-las de seus papéis sexuais. Mediante uma socialização sexuada, elas os têm bem introjetados e apontam como motivação na escolha da odontologia como profissão “a perspectiva (ilusória) de trabalhar de forma autônoma, a facilidade de compatibilizar atividades domésticas e familiares com atividades profissionais.”¹²

Na área da saúde, historiadores da medicina subestimam a participação das mulheres médicas, pois elas tocariam em uma ordem que dá aos homens o lugar de sujeitos do conhecimento e do discurso e às mulheres a condição de objetos do conhecimento, “objetos cientificamente desprezíveis” (Le Doeuff, p. 163). A autora aí coloca o poder simbólico fundamental de os homens “decidir[em] o que é uma mulher, apresentá-la como quer[em]” (id. p. 148).

Goiás e Distrito Federal: um processo de feminilização da Odontologia

Nas últimas décadas ocorreram no Brasil transformações nas estruturas das famílias, no mercado de trabalho e na área da Odontologia. Para delinear a situação da odontologia no Brasil Central foram examinadas situações nas Universidades em Anápolis, Goiânia e Brasília.

Em Anápolis, na Universidade Evangélica, entre 2002 e 2006, foram formados 317 profissionais em Odontologia, sendo 27,8% homens (88) e 72,2% mulheres (229). Em 2006, entre os matriculados, 61,3% eram jovens mulheres e 38,7% homens, portanto, 2 em cada 3 estudantes eram mulheres.

Na Universidade Federal de Goiás, entre 2001 e 2005, 298 profissionais foram formados: 179 mulheres (60,1%) e 119 homens (39,9%). Em 2006, as matrículas estavam distribuídas entre 69,5% de mulheres e 30,5% de homens.

Esse processo de feminização é confirmado na Universidade de Brasília, com a passagem de 45% de participação de mulheres no primeiro semestre de 1995 para 73,7% no primeiro semestre de 2006. Nesse ano, as mulheres representavam, nessa Universidade, 62,5% de todos os universitários em Odontologia.

Respostas de profissionais mulheres revelam nítida consciência desse processo:

“Percebo que há mais mulheres na odontologia hoje. Nos congressos, conferências, etc... nossa presença tem sido maior.”

“As mulheres são maioria nos cursos de especialização e de atualização que faço. Maioria gritante: 80% ou mais.”

Quanto ao exercício da docência nas Faculdades de Odontologia, em Anápolis — uma Universidade privada — as mulheres são a maioria em todos os níveis de titulação e representavam 53,5% dos professores atuando em 2006 e a maioria entre especialistas, mestre e doutores (51,2%, 60,3% e 63,6%, respectivamente).

É diferente o quadro que encontramos nas Universidades Federais. Em Goiás, em 2006, os profissionais homens são maioria entre todos os docentes (58,2%). Há uma peculiaridade: entre as docentes, 26,9% estavam efetivadas; entre os homens, 50,7%. No universo dos profissionais precarizados — os professores substitutos —, as mulheres apresentavam um índice duas vezes mais alto (14,9%, 10 profissionais) do que o dos homens (7,5%, 5 profissionais). Na Universidade de Brasília, os profissionais do sexo masculino constituíam a maioria dos docentes com qualquer titulação e, também, a maioria entre os concursados (60%, 25 profissionais). Os profissionais precários estavam igualmente distribuídos entre homens e mulheres.

...“a grande procura [das mulheres] por odontologia é por causa dos horários de atendimento pré-estabelecidos, que facilitam a tripla jornada de trabalho [das mulheres]”...
(Resposta de odontóloga sobre a predominância de mulheres na profissão)

Essa interpretação de uma profissional participante da pesquisa indica a situação brasileira em que a possibilidade de as mulheres buscarem formação universitária e participação na esfera

pública não foi acompanhada por investimento de tempo dos homens na esfera privada, configurando-se grave viés de gênero (Sorj, Fontes e Machado, 2007). A pesquisa desenvolvida indica que a qualidade da inserção das profissionais mulheres — sobretudo as mães — no mercado de trabalho odontológico é afetado pelo baixo desenvolvimento de serviços coletivos que possibilitariam socializar os custos dos cuidados com a família, especialmente com as crianças na primeira infância (Thurler, 2008) e com os idosos (Bandeira, 2008 e Batista, 2008).

Depoimentos dados por odontólogas no Brasil Central confirmam essa perspectiva:

“O homem tem mais tempo para o consultório particular. As tarefas domésticas ficam normalmente sob a responsabilidade da mulher.”

“O homem tem mais facilidade de engrenar em pesquisa, pois as mulheres acumulam funções e responsabilidades com casamento e filhos limitando-a.”

Como bem analisa Sorj, “A insuficiência de políticas públicas que facilitem a gestão das demandas conflitivas entre trabalho e cuidados de família, aliada a uma baixa participação masculina na divisão do trabalho não remunerado repercute nas oportunidades laborais das mulheres, notadamente das mães com filhos dependentes e reforça as desigualdades de gênero no mercado de trabalho” (2007:5).

A quem cabe conciliar vida profissional e vida familiar?

A tese da “conciliação” entre a vida familiar e a vida profissional, fortemente sexuada, define um só ator (ou atriz) nessa “conciliação”. Consagraria que mulheres e homens não são iguais nem diante do trabalho doméstico e parental, nem no trabalho profissional. A contradição está no coração da proposta de alcançar a igualdade por meio da conciliação (Hirata e Kergoat, 2007). Na pesquisa desenvolvida em Goiás e no Distrito Federal, as odontólogas apontam a persistência da força dos papéis sexuais, ao indicarem como motivações na escolha da profissão:

“...facilidade em flexibilizar horários e compatibilizar [o trabalho] com a maternidade”

“a possibilidade de trabalhar em um período menor, de administrar com autonomia seu horário, podendo se adequar às necessidades da sua família.”

“A odontologia é uma profissão muito desgastante e muito cara. Quando a mulher tem casa e filho para cuidar, acaba diminuindo o seu tempo na atuação da profissão. E também quando [o casal] tem que escolher em quem investir (dinheiro e tempo) nos estudos, se com o marido ou com a esposa, na maioria das vezes opta pelo marido. O retorno é mais garantido, porque dispõe de mais tempo.”

Os homens ignoram as proezas de suas colegas mulheres com as tentativas de conciliação, em respostas como:

“... acho que homens e mulheres têm chances iguais.”

“... observamos, hoje em dia, que os homens estão convivendo com essa tensão/conflito. Definitivamente, as mulheres já conquistaram, e com muito mérito, seu espaço.”

“[Tudo] depende do que a pessoa tenha estudado, se dedicado (...) estar se atualizando”.

Entre a grande maioria que respondeu não haver diferença entre papéis, nem desigualdades, algumas respostas masculinas sinalizam outras inquietações:

“Ainda existe um grande preconceito machista em nossa sociedade”

“Nos órgãos de representação de classe, ainda tem uma grande lacuna de presença feminina, nos cargos de representação majoritária, como presidência da ABO, CRO, CFO, etc...”

Reconfigurando e reproduzindo papéis sexuais

A defesa da complementaridade dos sexos se insere na tradição funcionalista (Parsons, 1991) e incluiria o compartilhamento do trabalho profissional e doméstico entre mulheres e homens e, no interior do trabalho profissional, a divisão de tipos e modalidades de emprego que possibilitem a reprodução e a preservação de papéis sexuais (Hirata e Kergoat, 2007). O sistema de papéis sexuais se apresenta sob duas formas: **um modelo tradicional**, em que os papéis na família — parental e doméstico — são inteiramente das mulheres, enquanto os homens assumem o papel de provedores e **um modelo de conciliação**, com o suposto de que às mulheres cabe conciliar vida familiar e vida profissional.

Algumas pesquisadoras propõem substituir a expressão “conciliação” por conflito, tensão, contradição para dar visibilidade à natureza fundamentalmente conflitiva para as mulheres de assumirem responsabilidades profissionais e familiares. Ocupar-se com as crianças — tarefa atribuída às mulheres — reduz a disponibilidade de integração em empregos com jornada integral de trabalho, pois as responsabilidades familiares têm significativo peso para as mulheres.

A partir da 4ª Conferência Mundial sobre as Mulheres, em 1995, em Pequim, disseminou-se o **paradigma da parceria** entre homens e mulheres, mais em termos de igualdade do que de poder, entretanto, pesquisas de emprego do tempo — realizadas no Brasil, pelo IBGE/Pnad, e na França, pelo INSEE — não confirmam a vigência desse modelo.

Dissemina-se nos países ricos com a utilização do trabalho de mulheres imigrantes dos países do Terceiro Mundo, o **modelo da delegação**. No Brasil, esse modelo se concretiza com os serviços de mais de seis milhões de trabalhadoras domésticas e babás, além do trabalho infantil de mais de 500 mil crianças. O crescimento de empregos no setor de serviços traria “soluções” ao antagonismo entre responsabilidades familiares e profissionais (Hirata e Kergoat, 2007).

Se da pesquisa emerge uma forte indicação de que um imperativo de conciliação de vida familiar, maternidade e vida profissional colocado para as mulheres é um fator relevante no processo de feminilização dos cursos de odontologia no Distrito Federal (Universidade de Brasília) e em Goiás (Anápolis e Goiânia), constatamos, também, a persistência de uma visão essencialista do feminino e do masculino. Destacamos, nesse sentido, algumas respostas de profissionais mulheres, denotando essencialismos e naturalizando a situação das profissionais da odontologia:

“As mulheres parecem compreender melhor a relação existente entre a vida saudável e o adoecimento, sob a ótica do cuidar, talvez porque elas vivenciem de perto a administração de vidas que, naturalmente, estão sob sua tutela, como filhos e familiares, que culturalmente já são tarefas predefinidas para elas. Portanto, elas são o modelo de gênero preparado para cuidar, ajudar.”

“A profissão tem tudo a ver com a mulher: delicada, atenciosa, detalhista, perspicaz, generosa, determinada. Só nos faltava a técnica. As habilidades foram aperfeiçoadas com a prática e vivência no dia a dia.”

“... no geral, quando chega uma dentista numa clínica já lhe é direcionado o atendimento de crianças, a menos que ela já tenha uma preferência ou formação diferente.”

“Homens se dedicam a profissões mais rendáveis, exemplo, prótese; mulheres odontopediatria.”

Entre as respostas masculinas podemos destacar:

[A odontologia teria características da profissão mais concernentes às mulheres] “Espírito materno-social, cuidado, vontade.”

“Nossa sociedade toda distribui dessa mesma forma as atividades profissionais entre homens e mulheres.”

“Odontopediatria [seria a preferência delas], pelo jeito natural, materno das mulheres”.

Não há originalidade na divisão sexual do trabalho na Odontologia

Apesar de serem a maioria entre estudantes e formandos, as mulheres continuam nas áreas de conhecimento tradicionalmente femininas, preparando-se para ocupar guetos ocupacionais, tais como, educação (81% de mulheres), saúde e bem-estar social (74%), humanidades e artes (65%). Persiste um padrão de estrutura ocupacional no mercado de trabalho brasileiro, com os tradicionais guetos femininos, como enfermagem (89% dos enfermeiros, 84% dos técnicos de enfermagem e 82% do pessoal de enfermagem eram do sexo feminino em 2002), nutrição (93%), assistência social (95%), psicologia (89%), magistério nos níveis pré-escolar (95%), fundamental (88%) e médio (74%), secretárias (85%) (Bruschini, 2007).

Em 2006, a distribuição de docentes homens e mulheres por disciplina, no curso de Odontologia, por um lado, reunia 100% de profissionais do sexo masculino nas áreas de cirurgia e ortodontia e, de outro lado, 87,5% de profissionais do sexo feminino no campo da Pediatria e da Periodontia. Campos de conhecimento e de atividade, social e culturalmente tipificados como “próprios para mulheres” e “próprios para homens”, vinculados a visões essencializadoras, afetam tanto a oferta, quanto a demanda por profissionais do sexo feminino.

No quadro da odontologia no Brasil Central a originalidade está na emergência de consciência, ecoando em vozes de algumas odontólogas, como essas:

“Não me recordo de ver mulheres na presidência de Conselhos, Abo, sindicato, associação. Acredito ser injusto [esse quadro], pois somos tão capazes e podemos ser melhores frente à categoria. Precisamos romper essa barreira.”

“Não só na odontologia especializada, mas em toda a odontologia, vejo que os homens chegam rápido e ocupam espaço mais fácil no topo. Isso se explica numa cultura machista.”

“Uma situação de quase ausência das mulheres e pouca participação decisória em cargos de poder, pela questão de gênero, sobretudo na odontologia, se constitui hoje em grande desafio ao projeto democrático.”

Referências bibliográficas:

BANDEIRA, Lourdes. Envejecimiento de las mujeres: comprendiendo y desconstruyendo prácticas de violencia institucional. Trabalho preparado para integrar a mesa Género, Reconocimiento e instituciones en Brasil: desafios legales y políticos. Congreso *Mundos de Mujeres. Nuevas*

fronteras: avances y desafíos. La igualdad no es una utopía. Universidad Complutense, Madrid, 3 a 9 de julio de 2008.

BATISTA, Analia Soria. Mujeres cuidadoras de personas ancianas institucionalizadas: razón y sensibilidad en el trabajo de cuidado. Trabalho preparado para integrar a mesa Género, Reconocimiento e instituciones en Brasil: desafíos legales y políticos. Congreso *Mundos de Mujeres. Nuevas fronteras: avances y desafíos. La igualdad no es una utopía.* Universidad Complutense, Madrid, 3 a 9 de julio de 2008.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. Artigo apresentado no *Seminário Internacional Gênero e Trabalho. Comparação Brasil-França*, Promoção MAGE e Fundação Carlos Chagas, de 8 a 12 de abril de 2007, São Paulo e Rio de Janeiro.

DE LA CRUZ, Sor Juana Inés. *The Answer/ La Respuesta*. Electa Arenal and Amanda Powell (Critical Edition and Translation). New York: The Feminist Press. 1994.

DEVREUX, Anne-Marie. Famille, In HIRATA, Helena, LABORIE, Françoise, LE DOARÉ, Hélène et SENOTIER, Danièle. *Dictionnaire Critique du Féminisme*. Paris:PUF. Politique aujourd'hui, 2000, p. 66-71.

HIRATA, Helena et KERGOAT, Danièle. Division sexuelle du travail professionnel et domestique. Evolution de la problématique et paradigmes de la “conciliation”. Trabalho apresentado no *Seminário Internacional Gênero e Trabalho. Comparação Brasil-França*, Promoção MAGE e Fundação Carlos Chagas, de 8 a 12 de abril de 2007, São Paulo e Rio de Janeiro.

LE DOEUFF, Michele. *Le sexe du savoir*. Paris: Aubier, 1998.

NAUDIER, Delphine. L'irrésistible election de Marguerite Yourcenar à l'Académie française. In *Cahiers du Genre*, 36. Les résistances des hommes au changement. Anne-Marie Devreux (Coord.) p. 45-67. 2004.

PARSONS, Talcott, CAMIC, Charles. *Early Essays*. Chicago University Press, 1991.

PIZAN, Christine de. *The book of The City of Ladies*. Trad. e Intr. Rosalind Brown-Grant. London: Penguin Books Ltd., 1999.

SCHIEBINGER, Londa. *Tiene sexo la mente?* Madrid: Ediciones Cátedra, 2004.

SORJ, Bila, FONTES, Adriana e MACHADO, Danielle Carusi. As políticas e as práticas de conciliação entre família e trabalho no Brasil. Trabalho apresentado no *Seminário Internacional Gênero e Trabalho. Comparação Brasil-França*, Promoção MAGE e Fundação Carlos Chagas, de 8 a 12 de abril de 2007, São Paulo e Rio de Janeiro.

THURLER, Ana Liési. Que perspectivas para el reconocimiento institucional de la primera infancia? Trabalho apresentado na mesa Género, Reconocimiento e instituciones en Brasil: desafíos legales y políticos. Congreso *Mundos de Mujeres. Nuevas fronteras: avances y desafíos. La igualdad no es una utopía.* Universidad Complutense, Madrid, 3 a 9 de julio de 2008.

¹ Este artigo incorpora os dados empíricos reunidos no Relatório da Pesquisa *A construção de gênero no campo da saúde: estudo sobre profissionais em Odontologia*, coordenada por Lourdes Bandeira, com as participações de Jorge Córdón, Anália Soria Batista e Ana Liési Thurler.

² Professoras e pesquisadoras do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, integrantes do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher (NEPeM/UnB).

³ Tais como George Sand, na Academia Francesa; Rosa Bonheur, na Academia de Belas Artes; Sophia Germain, na Academia de Ciências.

⁴ Naudier analisa as condições da possibilidade da candidatura e da eleição, oitenta anos mais tarde, de Marguerite Yourcenar — a primeira mulher a ingressar na Academia Francesa de Letras, em 22 de janeiro de 1981. Quais são os usos sociais, simbólicos e políticos para o acesso a esse território de alto poder simbólico? Seu pertencimento de sexo constituiu o argumento mais importante para os opositores a sua eleição. “Entre o interesse político de eleger uma mulher e a injeção à neutralização do sexo feminino no coração da instituição, transparece toda uma economia retórica para manter um modo de reprodução da dominação masculina” (2004:45).

⁵ No México temos o caso de Sórora Juana Inés de la Cruz (1651-1695), considerada a primeira feminista das Américas.

⁶ Em 1748, ela publicou manual sobre cálculo diferencial e integral.

⁷ Mozans, autor de uma pioneira história das mulheres na ciência, atribuiu-lhe a maternidade de doze filhos (apud Schiebinger, 2004:33).

⁸ Christine de Pizan (c.1364-c.1434) e Juana Inés de la Cruz (1651-1695).

⁹ Ela não tinha vínculos familiares com qualquer astrônomo, mas, seu pai, Heinrich Cunitz, doutor em medicina, transmitiu-lhe o amor ao conhecimento e ensinou-lhe seis idiomas — hebreu, grego, latim, italiano, francês e polonês.

¹⁰ Ênfases minhas.

¹¹ Id., *ibidem*.

¹² Os grifos são nossos. Nenhum dos profissionais homens da área fez alusão à motivação semelhante.